

De pai para filho: cartas da prisão

Samantha Viz Quadrat¹

1- Apresentação

Esse texto faz parte do projeto de pesquisa intitulado *Os desafios do ensino da história das ditaduras do Cone Sul*, contemplado nos editais *Jovem Cientista do Nosso Estado* (FAPERJ) , e *Produtividade* (CNPq). Em tal projeto estão sendo avaliadas as estratégias promovidas para o ensino da história das ditaduras civil-militares argentina, brasileira, chilena e uruguaia dos anos 1960 a 1980. Nesse sentido, dentre os alvos do nosso interesse destacamos: as leis de educação, a atuação junto aos professores (muitos formados no período ditatorial), os conteúdos selecionados, o material didático produzido etc. Paralelamente a esta ampla gama de material acabamos introduzindo um novo desafio que desloca o foco das ações públicas do Estado para os dilemas enfrentados pelos professores e autores de livros didáticos nos anos da transição política e do início do retorno à democracia. Esse último material visa formar um acervo de história oral que dentro do Núcleo de Pesquisa História e Ensino das Ditaduras (NUPHED-UFF/UFRJ) a ser disponibilizado em site próprio. Por fim, o NUPHED também dentre os seus objetivos cursos de formação continuada para professores da educação básica e a produção de material didático sobre o tema.

Para essa apresentação escolhemos o livro *Quando voltei, tive uma surpresa* de autoria de Joel Rufino dos Santos. O livro foi publicado no ano 2000 pela editora Rocco, Rio de Janeiro. A obra reúne 32 cartas que foram enviadas do Presídio Hipódromo, na rua com o mesmo nome no Brás, São Paulo, para seu filho Nelson, na época com 8 anos, entre 12 de junho de 1973 a 11 de março de 1974. Todas as cartas, como relata Teresa Garbayo dos Santos, esposa e mãe, previamente lidas e censuradas

¹ Professora Adjunta de História da América Contemporânea da Universidade Federal Fluminense e pesquisadora do Núcleo de Estudos Contemporâneos (NEC) na mesma instituição.

pelas forças de repressão da época.² Era a primeira vez que Rufino escrevia para crianças, ainda que fosse para seu filho. E, segundo o autor, foi quando ele aprendeu a escrever para crianças. O desafio de manter laços com seu filho o direcionou para a descoberta da escrita que futuramente seria consagrado. Tais cartas também ajudaram a compor o roteiro da peça *Lembrar é resistir*, encenada no antigo prédio do DOPS, na Rua da Relação, no ano 2000.

Joel Rufino dos Santos nasceu em 1941, no Rio de Janeiro. Formado em História e doutor em Comunicação Social e Cultura pela UFRJ, onde também atuou como professor da graduação e pós-graduação nas Faculdades de Letras e Comunicação Social. É autor de uma vasta obra que inclui livros para adulto e infanto-juvenil; ficção e não ficção; livros didáticos e paradidáticos sobre temas como o ensino de História, questões africanas, futebol etc.³ O autor também já recebeu diversos prêmios dentre os quais destacamos dois Prêmios Jabuti pelos livros *Uma Estranha Aventura em Talalai* (Pioneira, 1979) e *O Barbeiro e o Judeu da Prestação Contra o Sargento da Motocicleta* (Moderna, 2007)

Joel fez parte do importante grupo *História Nova do Brasil* e por conta da sua militância intelectual acabou no exílio na Bolívia (onde estava quando Nelson nasceu) e no Chile (onde conheceu o filho já com um mês de vida) entre os anos imediatos ao golpe civil-militar de 31 de março, ou seja, entre 1964 e 1965.⁴ Retornando ao país em 1966. Em 1970, o então militante do PCB, passou atuar na Aliança Libertadora Nacional (ALN) dando suporte aos que estavam de frente na luta armada. Até 1972, como ele mesmo diz, "conheceu prisões breves e leves."⁵ Em 1972, quando viajava de São Paulo para o Rio de Janeiro, Rufino acabou *caindo*. Passou pelo DOI-Codi, de São

² A informação consta na apresentação do livro escrita pela própria Teresa dos Santos.

³ Toda a bibliografia do autor pode ser encontrada em sua página pessoal: <http://joelrufinodossantos.com.br/paginas/bibliografia.asp>

⁴ Rufino publicou uma autobiografia, ver: SANTOS, Joel Rufino dos. *Assim foi (se me parece)*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008

⁵ Entrevista em: <http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2008/10/29/entrevista-joel-rufino-dos-santos/>

Paulo, onde testemunhou a morte sob tortura do militante Carlos Nicolau Danielli⁶ e outras violações dos direitos humanos. Rufino teve também seu "quinhão de socos e choques elétricos".⁷ Em suas palavras: "*é uma experiência inenarrável, no limite do humano. Quem a experimentou, em si ou nos companheiros, não sabe dizer qual é a natureza do torturador.*"⁸

Durante os seis primeiros meses da sua prisão, a família disse a um Nelson ainda menino que o pai estava viajando a trabalho. Acreditavam que Rufino sairia rápido por não haver provas substantivas contra ele. Contudo, o tempo foi passando e a situação tornando-se insustentável por estar gerando um sentimento de abandono em Nelson. A verdade deveria ser dita. Segundo Rufino, seu maior medo era que o filho o confundisse com um ladrão ao saber que o pai estava preso.⁹ A notícia da prisão do pai, como relata Teresa Garbayo dos Santos, deixou Nelson de rosto fechado, com lágrimas nos olhos, buscando refúgio embaixo da cama. Várias explicações foram dadas, especialmente, ainda segundo Teresa, sobre a diferença entre um preso comum e um preso político. Além disso, Nelson recebeu ajuda terapêutica. A partir da revelação da verdade, cartas entre pai e filho foram trocadas¹⁰ e viagens do Rio de Janeiro para São Paulo para visitar Rufino na prisão passaram a fazer parte da vida de Nelson. Ao chegar ao Presídio, a semelhança de outros visitantes e independente da sua idade, o menino Nelson também era revistado.¹¹

⁶ Danielli, militante do PCdoB, foi morto em 30 de dezembro de 1972 dentro do DOI-Codi (SP). O testemunho de presos políticos à Justiça Militar contradisseram a versão oficial de que ele teria morrido em tiroteio com policiais. Foi enterrado como indigente no Cemitério Dom Bosco, em Perus, São Paulo. Seus restos mortais seriam descobertos e entregues à família somente depois da Anistia, quando em 11 de abril de 1980, em Niterói, Rio de Janeiro, foi feito o seu sepultamento oficial. Ver: Secretaria Especial dos Direitos Humanos. *Direito à memória e à verdade*. Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos, 2007. pp. 323-324

⁷Entrevista em: <http://g1.globo.com/platb/maquinadeescrever/2008/10/29/entrevista-joel-rufino-dos-santos/>

⁸ *idem*

⁹ http://www.terra.com.br/istoegente/46/reportagem/rep_joel_rufino.htm

¹⁰ Não temos notícias se as cartas de Nelson foram guardadas por seu pai. Numa entrevista, Rufino indica que as cartas, única coisa que ele quis levar da prisão quando saiu, teriam ficado retidas, mas não conseguimos ainda confirmar essa informação.

¹¹ Essas informações estão na apresentação do livro escrita por Teresa Garbayo dos Santos já citada anteriormente.

Para efeito da nossa comunicação analisaremos as cartas a partir de dois eixos centrais, a saber: como um pai retrata para o seu filho uma ditadura através do cotidiano da prisão e a forma como o autor também *conta* a história do país. Por fim, faremos uma breve reflexão de como essas cartas podem ser usadas em salas de aula, especialmente com alunos da educação básica.

2- A ditadura nas cartas

As cartas ou passagens das cartas onde o autor apresenta a prisão e as razões do seu encarceramento são desprovidas de qualquer detalhe *mais duro*, como sobre a violência estatal ou do período. O autor explica a prisão a partir das suas atividades profissionais, especialmente aulas. Na primeira carta a razão *"Quando eu voltei, tive uma surpresa. Fui convidado pelo governo a contar algumas coisas que eu fiz. Por exemplo: eu dei algumas aulas sobre coisas que o nosso governo não gosta..."*. O autor não usa em nenhum momento a palavra ditadura. De dentro da prisão, Rufino defende sua posição: *"Eu acho que tenho razão. As aulas que deu dei, as histórias que eu contei e as coisas que eu escrevi nos meus livros e nos jornais - eu acho que são coisas certas. O governo não acha. O juiz é quem vai decidir. Agora, eu estou esperando ele me chamar para decidir. Isto demora um pouco, infelizmente. Tenho certeza que o juiz vai dizer: seu Joel, não tem mal algum o senhor ter as suas opiniões. Pode ir embora. Ou então: Seu Joel, o senhor já esperou muito tempo pela minha decisão. Pode ir embora"*

A prisão é descrita de maneira *aceitável* para uma criança: *"nós aqui moramos em quartos - em cada quarto moram 6 a 9 pessoas. O meu quarto é número 31 e só dois moradores não têm filhos"*. Há ainda futebol (que eles jogam com bolas confeccionadas por eles mesmos) e trabalho (constantemente, Rufino fazia presentes, como cintos de couro, para dar a Nelson nas suas visitas e/ou enviar de lembranças para seus amiguinhos). Os presos são tratados como colegas, amigos *"que também não concordam com o governo"*. Além disso, o autor fala em atividades lúdicas, como

histórias e lendas que contava para os outros presos, e programas de televisão que eles assistiam, como as novelas O Bem amado, Cavalo de Aço e Uma rosa com amor.

Contudo, o autor revela o outro lado do cárcere após as visitas irem embora, a prisão vivia um período de silêncio, com cada preso em sua cela: *"o sábado é o melhor dia, para todos nós. Pois é o dia em que recebemos visitas. Depois que as visitas vão embora, e a gente sobe, cada um se enfia no seu mocó (se lembra o que é mocó? É cama). Cada um se enfia no seu mocó e fica muito quietinho relembando a cara das suas visitas. Então, de tarde, é aquele silêncio (ouve-se até o vôo de um mosquito)".* Através das doces palavras de Rufino a revelação da dor do afastamento da família promovido pela prisão e o trauma nos atingidos.

As visitas espaçadas, afinal ele estava preso em São Paulo e sua família vivia no Rio de Janeiro (que também foi tema constante nas cartas, seja o cenário ou a cultura carioca), despertavam a saudade e a vontade de saber mais sobre o que se passava fora da prisão. Com isso, acompanhamos as súplicas de um pai por mais cartas (Nelson as ditava para a mãe), por mais notícias (ponto sempre polêmico porque Teresa entendia como pressão a um garotinho já abalado) e também discussões sobre a educação do filho (filmes e livros que para Rufino não pareciam apropriados para Nelson). Nesse sentido, recados para Teresa eram uma constante.

Ao mesmo tempo em que vai revelando, ainda que de maneira lúdica a prisão, Rufino vai também construindo a memória da ditadura, do autoritarismo, da solidariedade da prisão (*"nós só podemos escrever 3 páginas por carta, pois são muitas pessoas querendo escrever para seus parentes - então ficou combinado que cada um só escreveria 3 páginas"*), dos laços que se formam entre aqueles que passaram pela tortura e convivem no espaço prisional. Cartas e fotos expostas nas paredes das celas e o convívio das famílias na visitas (Nelson chegou a comemorar seu aniversário numa visita) serviam como importante suporte emocional para os que se encontravam presos.

3- O professor nas cartas

Nas 32 cartas escritas para seu filho não só a figura do pai está presente como também a do professor. Nesse sentido, lições de matemática (especialmente contas realizadas a partir de datas), de inglês (em várias cartas estão palavras e perguntas nessa língua), de literatura (conta o clássico O velho e o Mar de E. Hemingway) e de história são facilmente encontradas no material. Podemos encontrar nessas lições não apenas um pai que precisa retirar o foto do cotidiano prisional, mas também um professor que sente falta de estar atuando. Embora, como o ex-companheiro de prisão, ainda que por pouco tempo, José Genoíno, lembre-se de Rufino por suas aulas de história no cárcere. Uma dupla identidade que se manifesta o tempo inteiro.

Joel Rufino é também um *contador de histórias*. A influência dos mestres em sua formação, que sempre o incentivaram a "perseguir" a literatura também é perceptível. Nesse sentido, anos depois Rufino revelou que "*pedia para minha mulher ler antes dele dormir, como se estivesse narrando uma história.*"¹² Além disso, indicava livros para que o filho lesse.

A história do Brasil contada muitas vezes em capítulos, ou seja, em cartas diferentes, mas seqüenciadas, em capítulos como ele mesmo dizia. A história do quilombo dos Palmares, de Zumbi, e dos negros escravizados, é contada em várias cartas. Assim como dos orixás de origem africana. O tema África e questão negra no Brasil acabariam se tornando centrais na trajetória intelectual de Rufino. Des

A luta dos africanos escravizados, tratados como verdadeiros atores sociais, não conformados com a escravidão e com a condição de vida enfrentada no país rompia, inclusive, com o que víamos em muitos livros didáticos da época. A forma como Rufino descreve Zumbi também pode ser entendido como uma lição de coragem para seu filho, que também seria ele mesmo um Zumbi. Como podemos observar na seguinte passagem: "*Mas, até hoje, os negros acreditam que Zumbi não morreu. Sempre que um menininho, ou menininha preta sorri, eles acreditam que é Zumbi que está sorrindo por*

¹² http://www.terra.com.br/istoeigente/46/reportagem/rep_joel_rufino.htm

ele ou por ela. Zumbi continua vivo no sorriso de todas as crianças negras do mundo. No Brasil, na África, no Peru, no Haiti, nos Estados Unidos - em toda parte."

Paralelo a essa preocupação narrativa, há todo um cuidado com a linguagem visual. As cartas são ricamente coloridas, com hidrocores dados pelo próprio Nelson conforme Rufino gosta de destacar nas cartas. Rufino colava fotos, recortes de jornais e fazia ele mesmo as ilustrações. Na medida em que os assuntos vão mudando as cores vão refletindo essas alterações.

4- Considerações finais: o uso das cartas em sala de aula

As cartas escritas por Joel Rufino dos Santos, como já mencionamos anteriormente, representam em seu conjunto os primeiros textos do autor para uma criança. Linguagem que ele se tornaria um reconhecido e premiado escritor. A necessidade de encontrar uma linguagem escrita e visual para se comunicar com seu filho acabou constituindo uma possibilidade de material didático para as crianças nascidas no período democrático. E com idade escolar na qual ainda temos poucos recursos para abordar o período recente do Brasil.

Nesse sentido, as cartas reproduzidas no livro podem ser um caminho para abordar a ditadura brasileira: a separação entre pai e filho e os elementos subjetivos desse afastamento podem servir para despertar da curiosidade infantil sobre a ação do Estado e do autoritarismo, do cotidiano da ditadura e da prisão e dos direitos humanos.

Diferentemente de filmes realizados a partir do olhar da criança sobre o período, como *Kamchatka* (Argentina, 2002), *Machuca* (Chile, 2004), *O ano em que meus pais saíram de férias* (Brasil, 2006) e *Infância Roubada* (Argentina, 2012), nos quais o alvo não é o público infantil, mas que mesmo assim podem ser abordados com tranquilidade no ensino médio, as cartas, ainda que escritas de maneira privada e particular, são fontes que nos permitem trabalhar o impacto de uma ditadura numa criança e na sua família.

5- Fontes

SANTOS, Joel Rufino. *Quando voltei, tive uma surpresa*. São Paulo: Rocco, 2000.

Entrevistas disponíveis em sítios da internet, em especial no pessoal do autor: www.joelrufinodossantos.com.br

6- Referências bibliográficas

ACHUGAR, Mariana. "La construcción de una conciencia histórica en la aula: explicaciones y conversaciones en torno a la última dictadura en el Uruguay actual." In: QUADRAT, Samantha e ROLLEMBERG, Denise (orgs). *História e memória das ditaduras do século XX*. Rio de Janeiro: FGV, 2012. No prelo

BITTENCOURT, Circe (org.) *O saber histórico na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 1997.

Chipinas de Colección. Córdoba: Ediciones del Pasaje, s/d.

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e prática de ensino de História*. Campinas: Papirus, 2003.

GABRIEL, Carmen Teresa. "O conceito de história-ensinada: entre a razão pedagógica e a razão histórica. Reflexões sobre a natureza epistemológica do saber histórico escolar" in: CANDAU, Vera Candau. *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2000.

JELIN, Elizabeth. *Los trabajos de la memoria*. Buenos Aires/Madri: Siglo Veintiuno Editores, 2002.

JELIN, Elizabeth e KAUFMAN, Susana. *Los niveles de la memoria: reconstrucciones del pasado dictatorial argentino* (mimeo)

JELIN, E y LORENZ, F. (comps). *Educación y memoria. La escuela elabora el pasado*. Buenos Aires/Madrid: Siglo XXI, 2004. pp. 41-64

LaCAPRA. D. *Escribir la historia, escribir el trauma*. Buenos Aires: Nueva Vision, 2005

MONTEIRO, Ana Maria. Ensino de história: das dificuldades e das possibilidades de um fazer in: DAVIES, Nicholas (org.), *Para além dos conteúdos no ensino de História*. Niterói: EdUff, 2000.

_____. A prática de ensino e a produção de saberes na escola in: CANDAU, Vera. *Didática, currículo e saberes escolares*. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2000.

NUNES, C. "As políticas educacionais pós-64 e o conflito de representações de uma educação voltada para o trabalho" in: FICO, Carlos et all. In: Fico, Carlos et all (orgs). *1964-2004: 40 anos do golpe*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

PINGEL, Falk. Coping with a 'Negative' Past: Teaching National Socialism and the Holocaust in Germany. In: QUADRAT e ROLLEMBERG. *História e Memória das ditaduras do século XX*. Rio de Janeiro: FGV, no prelo.

RAGGIO, Sandra. “Enseñar los pasados que no pasan” in: QUADRAT e ROLLEMBERG. *História e Memória das ditaduras do século XX*. Rio de Janeiro: FGV, no prelo.

ROLLEMBERG, Denise e QUADRAT, Samantha (org.). *A construção social dos regimes autoritários*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, 3 vols.

REZNIK, L. “A construção da memória no ensino da História” In: Fico, Carlos et all (orgs). *1964-2004: 40 anos do golpe*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2004. p 339-350

REIS FILHO, Daniel Aarão; RIDENTI, Marcelo e MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe militar e a ditadura: quarenta anos depois (1964-2004)*. São Paulo: EDUSC, 2004;

_____ *Ditadura Militar, esquerda e sociedade*. Jorge Zahar, 2000.

TODOROV, Tzvetan. *Les abus de la mémoire*. Paris, Arléa, 2004.

TOLEDO, M. et all. *Visita a un lugar de memoria*. Santiago: LOM, 2009.

VIEIRA, Cleber. História, literatura e a imaginação histórica de Joel Rufino dos Santos.

<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Cleber%20Santos%20Vieira.pdf>